

Parte integrante do Jornal A Semana nº 812 • Sexta-feira, 20 de Julho de 2007



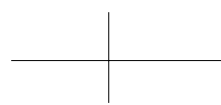
David Fajolles

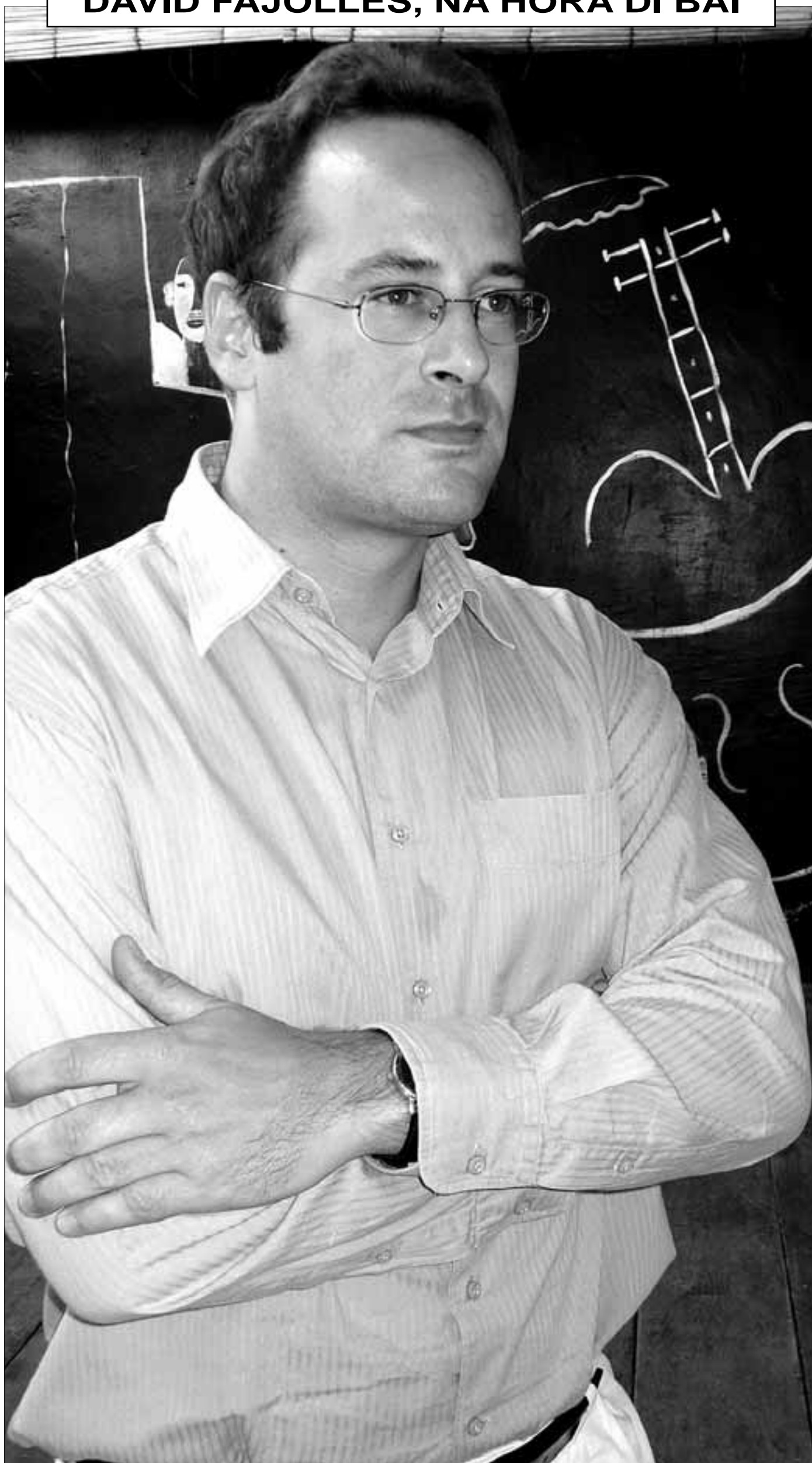
na hora di bai

A cerca de um mês de deixar Cabo Verde, o director do Centro Cultural Francês mostra-se satisfeito com o trabalho que desenvolveu nos dois últimos anos e com "a confiança" que conseguiu readquirir junto do público da Praia. O CCF renovou a sua sede, reiniciou os cursos de língua francesa e acima de tudo, salienta David Fajolles, voltou a atrair os artistas, que buscam na instituição orientação e apoio. Nesta entrevista, em hora de despedida, o timoneiro do CCF apresenta a sua perspectiva sobre a cultura cabo-verdiana e deixa algumas pistas para a resolução de alguns dos problemas estruturais que impedem a cultura nacional de desabrochar.

Palácio da Cultura

Artistas defendem gestão privada



DAVID FAJOLLES, NA HORA DI BAI


“CCF rec

A cerca de um mês de deixar Cabo Verde, o director do Centro Cultural Francês mostra-se satisfeito com o trabalho que desenvolveu nos dois últimos anos e com “a confiança” que conseguiu reacquirir junto do público da Praia. O CCF renovou a sua sede, reiniciou os cursos de língua francesa e acima de tudo, salienta David Fajolles, voltou a atrair os artistas, que buscam na instituição orientação e apoio. Nesta entrevista, em hora de despedida, o timoneiro do CCF apresenta a sua perspectiva sobre a cultura cabo-verdiana e deixa algumas pistas para a resolução de alguns dos problemas estruturais que impedem a cultura nacional de desabrochar.

— Por: RITA VAZ DA SILVA —

A Semana - Há quem considere que é um dos melhores directores do Centro Cultural Francês que já esteve na Praia, por ter apoiado, principalmente, projectos culturais que normalmente não têm muita visibilidade como o estilismo e a fotografia. Concorda?

David Fajolles - É um comentário muito lisonjeador, mas não cabe a mim julgar. Dito isto, creio que o CCF conseguiu com sucesso reencontrar, nestes dois últimos anos, um elemento essencial na sua acção: a confiança. Confiança do público na qualidade dos espectáculos e nas actividades propostas; confiança igualmente da comunidade artística cabo-verdiana, que sabe poder contar com o CCF não só como um apoio potencial, mas também como lugar de discussão ou mesmo de orientação para aquilo que necessita. Conseguimos reencontrar um caminho que havia sido traçado com talento há alguns anos atrás por Didier Baumlé.

- Apoiar áreas artísticas menos conhecidas em Cabo Verde (recorde as exposições de fotografia e o estilismo com o Cajó) contribuiu para a descoberta de novos nomes (César Schofield, Abraão Vicente, etc). Há alguma motivação pessoal por trás destes apoios, um gosto especial ou é uma estratégia do CCF?

- Uma estratégia, num sentido, sim. Os domínios que cita têm um espaço muito reduzido na paisagem cultural cabo-verdiana e quando aparecem, estão normalmente associados à música, principalmente o último que mencionou. Assim, surgindo projectos de qualidade, apoiá-los é quase um dever, considerando também que não há muitos apoios institucionais nacionais disponíveis.

- Diz-se também que o CCF é a melhor vertente da Cooperação Francesa com Cabo Verde. Quer comentar?

- A acção cultural dos postos diplomáticos é semelhante a uma montra de uma loja: enquanto os institutos, centros e alianças desfilam as suas “lantejoulas”, as chancelarias e as cooperações ocupam-se das “coisas sérias”. É inútil dizer que não partilho esta opinião.

O caso da presença cultural francesa em Cabo Verde é um pouco particular: no caso da cooperação propriamente dita, mesmo sendo uma das mais importantes, é uma cooperação bilateral como qualquer outra, num país onde a ajuda externa é essencial e numerosa, e onde pode talvez ter ou não visibilidade – será que se sabe quem apoiou a construção de cada estrada, ou o projecto de saneamento de água no município tal?

uperou a confiança do público”

À parte as pessoas implicadas nos projectos, são poucos aqueles que sabem identificar claramente a “marca” do doador de fundos, mesmo que a sua acção seja vital. No domínio cultural, pelo contrário, há apenas duas cooperações com uma política cultural activa: a de Portugal e a de França. Esta circunstância faz com que as duas instituições, CCP e CCF, tenham necessariamente mais visibilidade.

– **As parcerias do CCF com instituições públicas e privadas cabo-verdianas estão cada vez mais solidificadas. É usual ver o CCF participar e co-organizar eventos com Câmaras Municipais, Ministério da Cultura, etc.? Foi difícil conseguir essa articulação?**

– Uma das vantagens (que pode ser também um grande inconveniente) dos pequenos países é a personalização rápida das relações institucionais. Nessa matéria, creio que se criou uma confiança recíproca entre os centros e as instituições públicas parceiras, e essa é, no final de contas, uma das chaves do nosso trabalho. No entanto, o espaço do CCF, mesmo renovado, pode ser apenas utilizado para espectáculos pequenos, com vocação intimista, daí a necessidade de se trabalhar com outras instituições (para aceder a salas, sítios históricos, lugares ao ar livre), contribuindo ao mesmo tempo para enriquecer a sua programação.

Isto é notório no caso de duas instituições culturais com as quais o CCF tem excelentes relações: o Palácio da Cultura, na Praia, e o Centro Cultural do Mindelo. Dois bonitos espaços – que sofrem por não terem orçamento próprio para a programação – e que temos, por isso, que apoiar em absoluto. O mesmo acontece com o Auditório Nacional, que deverá ser reestruturado, num projecto a que espero que o Ministério da Cultura dê sequência.

– **Este ano foi condecorado pela Câmara Municipal da Praia, aquando das comemorações do aniversário da cidade. Como se sentiu com essa homenagem?**

– Creio que é um sinal forte que nos envia a equipa camarária, na mesma linha da Ordem de Mérito que recebemos há dois anos do Governo, no âmbito do XXX Aniversário da Independência. É uma forma de nos dizerem que fazemos parte da paisagem cultural em Cabo Verde, tanto na capital como no arquipélago: é sinal de uma apropriação muito positiva, que faz do Centro tanto uma instituição cabo-verdiana, como francesa e europeia.

– **O CCF tem tido uma agenda intensa, com pelo menos uma actividade semanal ou de dança (raiz de Pólón e grupos da Costa Africana) ou música (artistas nacionais e estrangeiros), exposições de pintura, fotografia e ciclo de documentários. Que balanço faz destas actividades?**

– Todos os organizadores de espectáculos em Cabo Verde conhecem a mesma angústia: a de não terem público. O público aqui é muito volátil, incerto, e temos que o conquistar com imensa luta, fazendo passar a nossa programação de boca em boca ou por comunicados de imprensa. Nos últimos meses, no entanto, este receio, no que me toca, diminuiu consideravelmente, já que conseguimos fidelizar o público.

Contudo, a organização de espectáculos de qualidade em Cabo Verde continua a ser um desafio: há condições estruturais que nos impedem de arriscar muito e que nos obrigam constantemente a improvisar – os cortes de luz da Electra, os horários da TACV e as perdas constantes das bagagens são problemas de que não vou ter saudades quando partir! Os custos proibitivos das viagens aéreas são igualmente um importante travão para as nossas actividades.

– **O CCF tem conseguido mais visibilidade do que o CCP. Pelo menos tem conseguido fazer um trabalho mais abrangente e tem feito da cultura uma coisa do quotidiano. O CCF tem também tentado fazer a ponte com a cultura africana e europeia. Quer comentar?**

– Creio que os nossos colegas do Instituto Camões, com quem temos ótimas relações, são confrontados com um obstáculo significativo: o orçamento. O CCF também não dispõe de um orçamento considerável, mas é comparativamente melhor. Beneficia também da proximidade à África francófona, uma rede cultural, em expansão, que é objecto de um forte investimento por parte do Ministério dos Negócios Estrangeiros francês e do seu executor a

CulturesFrance. Graças a isso, temos acesso a inúmeros espectáculos de grande qualidade originários do mundo francófono, e que podemos comprar a um custo menor devido ao apoio das estruturas existentes em França.

– **O programa “Kasa da Kultura” foi mais uma das principais actividades do CCF no ano passado. Como surgiu a ideia e porque decidiram apoiá-la? E porque optaram fazê-lo em crioulo?**

– A Kasa da Kultura foi uma bela aventura. Na origem, um projecto inédito de Abrão Vicente, com uma apresentação dinâmica, um ritmo. Decidimos acolher e assegurar a produção do programa por duas razões: primeiro, para dar a oportunidade a uma ideia nova no panorama cultural do país, e também na medida em que nenhuma outra instituição se mostrou interessada em investir na proposta do Abrão; por outro lado, para nos dotar de um meio de divulgação e de cobertura mediática garantido, tanto para os espectáculos do CCF como para os do CCP e dos produtores cabo-verdianos. Recordo-me, por exemplo, do concerto dos quatro guitarristas, Boulou e Elios Ferrado, Bau e Voginha, no Auditório Nacional, em Dezembro de 2005 – foi um sucesso e um grande momento de reencontro, mas nenhuma das televisões esteve presente. Enquanto isso, noutros eventos culturais bem mais comuns, os jornalistas foram enviados para fazer a cobertura! A proposta da criação da Kasa da Kultura surgiu em parte como solução para este problema.

Quanto ao uso do crioulo, permitiu, sem dúvida, atingir um público mais vasto, num programa que facilmente poderia ser rotulado como elitista.

– **Outro projecto em que o CCF está empenhado é o Musi – Cabo Verde, que se vai realizar em Novembro. Porque decidiram juntar-se a esta iniciativa?**

– O Musi Cabo Verde é um projecto muito ambicioso para o país, que deve poder beneficiar de todos os apoios possíveis, até mesmo no “know-how” que necessitará. O Brasil, Portugal e a França estão particularmente bem colocados para dar este tipo de ajuda. A inclusão do projecto no espaço francófono também me parece uma necessidade: existem, com efeito, na África continental, projectos semelhantes, e mesmo concorrentes, e com os quais o projecto cabo-verdiano se deve confrontar, sob pena de, a curto prazo, se limitar ao mundo lusófono.

– **Organizaram também as sessões de jazz na cidade. Qual o balanço que faz desta iniciativa? É para continuar? Acredita que é possível criar uma maior interacção entre os músicos que visitam Cabo Verde e os músicos locais?**

– O jazz é um género musical pouco presente em Cabo Verde. Existe, contudo, uma forte demanda, como se viu no Fesquintal de Jazz, uma iniciativa que o Mário Lúcio promoveu há alguns anos atrás. Ao iniciar este ciclo, tentamos criar um espaço de encontro para os amantes do jazz e para os músicos cabo-verdianos em geral, que estejam mais abertos ao que vem do exterior e que o país raramente lhes oferece, já que a oferta musical nacional se restringe quase em exclusivo à música cabo-verdiana. Este ciclo, creio, revelou-se um sucesso e o meu substituto poderá ponderar a sua continuação. Penso que se poderia fazer algo similar com a música de câmara, e também com sucesso; com mais algum tempo eu lançar-me-ia num projecto desses.

– **É verdade que vai deixar Cabo Verde em Agosto? Porquê essa decisão?**

– Essa decisão não é minha, mas do meu empregador (o MNE francês). O meu contrato termina, com efeito, em Agosto. Eu teria com boa vontade prolongado a minha missão por mais um ano, mas isso será impossível por razões administrativas.

Dois anos e meio é um período curto, mas creio que o essencial do meu trabalho está feito: redinamizar a confiança no centro, nomeadamente junto da comunidade artística cabo-verdiana; reabrir os cursos de francês; renovar as nossas salas, que já não eram atractivas por estarem tão velhas.

– **Quando chegou a Cabo Verde, que primeira imagem teve da cultura cabo-verdiana e como essa imagem afectou a estratégia que elaborou para o CCF?**

– A imagem paradoxal de uma cultura, ao mesmo

tempo, aberta e fechada: aberta pelas suas origens, fundadas numa hibridez que lhe dá a sua força e a sua originalidade, tanto na música como na literatura; fechada nas interpretações identitárias de que é alvo, que a transformam, por vezes, em algo nacionalista ou bairrista, e em algo que corre o risco de se “folclorizar”, perdendo aquilo que a torna mais fecunda: a curiosidade. É essa curiosidade que importa estimular, eliminando certos preconceitos e mostrando “outras coisas”: outras técnicas musicais, outras mestiçagens, uma variedade de novos géneros (Novo Circo, Khalid K...).

Os cabo-verdianos têm a possibilidade de aproveitar do “efeito Cesária”, que dá uma visibilidade considerável à sua cultura no estrangeiro. É uma possibilidade a agarrar, assumindo a hibridez sem complexos, porque a mestiçagem não é sinónimo de dependência.

Os brasileiros conseguiram com a Semana de Arte Moderna de São Paulo, em 1922, encontrar na “antropofagia” um elixir ideológico muito potente: talvez Cabo Verde tenha uma carta a jogar neste sentido, na linha da abertura que se obteve na altura do movimento Claridade.

– **Ao fim de quase dois anos em Cabo Verde, como avalia o apoio que se dá à cultura nacional. Acha que é suficiente, adequada, insuficiente? Quais os principais desafios que surgem ao poder público e aos artistas?**

– Eu colocar-me-ia do lado da opinião dominante entre a comunidade artística cabo-verdiana: ainda muito está por fazer no que diz respeito aos apoios públicos. A inexistência de subsídios para instituições como o CCM, o Palácio da Cultura ou mesmo o Auditório Nacional é uma coisa, mas nem tudo se resume à questão do orçamento. No caso do Auditório Nacional, que tem uma sala relativamente bem equipada, há o problema da organização interna e da formação – falhámos, por causa disso, ao anular à última hora os espectáculos dos Raiz di Polom em Janeiro passado e de Dobet Gnahoré durante o mês da francofonia, mas não somos os únicos confrontados com este facto.

– **Acha que os artistas, de diversas áreas, conseguem trabalhar juntos? Ou sente que é cada um por si?**

– É um meio que dá um sentimento de fragilidade, por ser pequeno e pela forte concorrência que há; mas a dependência económica dos artistas, no domínio da música, por exemplo, provoca a criação de associações forçadas. Existem, contudo, associações que indicam um caminho pelo seu activismo e pela sua devoção, tanto pela enorme vontade que têm em se verem divulgadas como na visão pedagógica que têm: a associação Quintal da Música, Raiz di Polon e a sua escola de dança, mais recentemente o movimento Praia.mov. São inegavelmente modelos a seguir.

– **Esteve presente na semana de Cabo Verde em Paris. O que achou da iniciativa? Pensa que foi a melhor forma de atrair os franceses? Gostou do que viu, acha que teve impacto?**

– O CCF apoiou esta iniciativa, patrocinando dois grupos (Raiz di Polon e Lela Violão), que se enquadraram na programação feita pela Lusáfrica e pelo Cabo Verde Business Club.

Acho que fizeram um trabalho formidável. Para primeira experiência, foi sem dúvida um sucesso, apesar dos inevitáveis problemas de organização, ou do clima (chuva) que nem sempre motivou uma maior presença dos visitantes. De qualquer modo, os organizadores identificaram os problemas a evitar na próxima edição, nomeadamente a escolha da sala do Hotel de l’Industrie, que não era muito apropriada.

Tenho alguma reserva quanto à parte das artes plásticas, contudo. Poderia ter sido feita uma escolha mais restrita dos artistas e ter-se organizado uma exposição centrada numa ou duas personalidades. O grande sucesso da noite de encerramento no Bataclan mostra que há um enorme interesse por iniciativas deste género, que espero se possam reproduzir e melhorar. Para quando algo semelhante em Lisboa? Alguns amigos meus da comunidade cabo-verdiana que lá vivem já me disseram que têm a intenção de fazer algo parecido. Seria uma ótima iniciativa.

“ Os cabo-verdianos têm a possibilidade de aproveitar do “efeito Cesária”, que dá uma visibilidade considerável à sua cultura no estrangeiro. É uma possibilidade de a agarrar, assumindo a hibridez sem complexos, porque a mestiçagem não é sinónimo de dependência. ”

PALÁCIO DA CULTURA



JÓIA EMBACIADA

O Palácio da Cultura foi inaugurado no dia 24 de Março de 1999, sob o “reinado” de António Jorge Delgado, então ministro da Cultura, que tinha neste edifício da Avenida Amílcar Cabral a jóia da sua coroa. De estilo colonial, o agora denominado Palácio da Cultura Ildo Lobo – assim baptizado em Novembro de 2004 – criou enormes expectativas nos praienses, que viam assim nascer a possibilidade de a zona da Praça Alexandre Albuquerque ganhar outra dinâmica.

Com salas para exposições e serviço administrativo, auditório com capacidade para 90 pessoas e dotado de todo o equipamento técnico indispensável para conferências e concertos, snack-bar, esplanada que, sob a estrutura metálica e lonas, deita vistas para os bairros de Várzea, Terra Branca, Achada Santo António e Achadinha, o Palácio da Cultura acolheu também desde a sua abertura a livraria do Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.

O projecto inicial previa a atribuição

da gestão do PC aos cidadãos da Praia, conforme declarou António Jorge Delgado na ocasião ao A Semana (nº 394, 12 de Março de 1999): “Este centro cultural será um elefante branco se, de facto, a sociedade civil não tiver a mesma dinâmica da de São Vicente em relação ao Centro Cultural do Mindelo”.

De acordo com o então ministro da Cultura, não se tratava de uma expectativa mas de uma necessidade que teria de ser cumprida, na medida em que o Palácio

da Cultura não teria um director. Mas um ano depois destas declarações de António Jorge Delgado, o PC tinha um coordenador – José Maria Barreto. Na altura, de novo em entrevista ao A Semana (Suplemento de Aniversário, parte integrante do jornal nº 451, de 28 de Abril) este homem das Belas-Artes – é pintor de formação – já dizia que “o problema é manter o trabalho até aqui desenvolvido”. Um temor que veio a se concretizar como deixam entender os artistas da capital.

Artistas defendem gestão privada

Por: TERESA SOFIA FORTES

O Ministério da Cultura e a Electra, de comum acordo, suspenderam esta terça-feira, 17, o contrato de aluguer que iria transformar o bar do Palácio da Cultura num posto de cobrança da empresa de electricidade. O contrato agora abortado tinha sido a forma encontrada para o PC amortizar uma dívida de “luz”, que ultrapassa os dois mil contos, uma solução que suscitou a ira dos praienses e deu inclusive origem a um raro acto de cidadania que culminou com uma petição a favor daquela casa e uma reunião de alguns capitalinos com o ministro Manuel Veiga, na sexta-feira, 13. Mas continua por resolver a questão de fundo: a administração, considerada deficitária por muitos, do Palácio da Cultura Ildo Lobo.

“É uma vergonha inqualificável o que estão a fazer com o Palácio da Cultura Ildo Lobo”. Esta era a reacção mais comum dos praienses quando, no decorrer da semana passada, tomavam conhecimento do apelo lançado através da internet, pelo fotógrafo e integrante do Praia-Mov César Schofield e que dava conta de que o bar daquele espaço cultural poderia vir a ser transformado num posto de cobrança da Electra.

“Este rumor já se ouvia há algum tempo. Agora, confirma-se com as obras, todo o bar foi transformado numa caixa de vidro e alumínio. A situação é por demais insuportável. Só de recordar que foram gastos duzentos e tal mil contos na recuperação do edifício, em nome da cultura”, lia-se na carta que desde quarta-feira, 11, César Schofield tinha posto a circular na internet. Face às críticas que se seguiram, de que esta situação era consequência da gestão deficitária do Palácio da Cultura, José Maria Barreto divulgou uma nota em que esclareceu as razões para arrendar o bar do PC à Electra.

“Foi a forma encontrada para obter alguns recursos para ajudar nas despesas do próprio Palácio”, começa por explicar o gestor do PC, para logo a seguir acusar a entidade que arrendou o bar até Dezembro de 2006 – o Cyber Café Sofia, na pessoa da sua proprietária Ester Silva –, de ser a culpada pela crise financeira. “Deixou uma dívida com a Electra de dois milhões e quatrocentos mil escudos”, diz Barreto.

Acusação que a principal visada, Ester Silva, classifica como “inverdade”: “Os dois mil e quatrocentos contos de dívida que o Sr. Barreto me atribui são o acúmulo de dívidas que abrange a parte inferior do edifício, onde o PC tinha compromissos não só com o Cyber-Bar Sofia, como com a livraria, o quintal, usado para múltiplos eventos e, provavelmente, o auditório”. Uma situação que, segundo Silva, decorre do facto de o acordo que lhe permitiu ocupar o Bar ter “uma lacuna, por culpa de ambas as partes, que não esclarecia as condições de consumo de água e luz, cujo contrato está em nome do Palácio da Cultura”.

Mas José Maria Barreto, segundo quem a dona do Cyber-Café Sofia contraíra, em 2003, uma outra dívida junto da Electra (que foi pago pela Direcção-Geral do Património do Estado), alega que as explicações de Ester Silva não correspondem à verdade porque “o es-

paço onde funcionava o Cyber-Café Sofia tem um contador próprio. Depois dessa primeira dívida, que levou a Electra a cortar a luz, Ester Silva comprometeu-se a colocar o contador em seu nome, mas nunca o fez. Agora, deixou esta dívida de mais de dois mil contos, que podemos comprovar com facturas de gastos de cerca de 70 contos mensais de electricidade”.

De que lado estará a verdade, não se sabe ainda. Mas o certo é que a dívida existe e precisa ser saldada. “Foram contactados vários operadores económicos para o aluguer do espaço. Mas, frente a tamanha dívida deixada, todos recusaram a nossa proposta. Apenas a Electra aceitou o desafio, comprometendo-se a pagar uma renda três vezes maior do que a anterior, sendo 50% da mesma para amortização da dívida. A direcção do Palácio da Cultura decidiu aceitar a proposta da Electra”, diz José Maria Barreto, para quem “um local que servia para vender bebidas alcoólicas e refrigerantes, de entre outras, e que perturbava à noite a vizinhança, inclusive houve queixas à Polícia, também podia servir para vender água e electricidade”.

A decisão, que terá sido tomada com base na informação de que a Electra pretendia transformar o bar num gabinete de imagem da empresa, provocou a indignação de vários praienses. “Vamos mobilizar-nos. Absurdos como este não podem acontecer com o nosso consentimento”, dizia César Schofield, autor do alerta cibernáutico. Mas o próprio José Maria Barreto mostrou-se incomodado com esta situação: “Ninguém está mais magoado do que eu, que ajudei a criar o PC. Mas não nos restava outra alternativa neste momento”.

Entretanto, César Schofield e outros elementos do Praia Mov solicitaram uma reunião de urgência com o ministro da Cultura, o que viria a acontecer na tarde de sexta-feira, 13. Desse encontro resultou a criação de uma comissão de peritos que – integrada por um arquitecto do Instituto de Investigação e Património Cultural (IIPC) e seu presidente, um representante do Praia-Mov e outro da Ordem dos Arquitectos – devia pronunciar-se sobre as intervenções que estavam a ser feitas pela Electra no bar do Palácio da Cultura.

“Ela terá que avaliar se as obras comprometem a estrutura arquitectónica e patrimonial do Palácio da Cultura e a sua vocação primordial e fazer as propostas que achar conveniente”, explicava Manuel Veiga na segunda-feira, 16. Ou seja, o MC mostrava-se desde então, face à contestação dos praienses, disposto a encontrar outra solução para o bar do PC. E se a comissão chumbar a concessão do espaço à Electra?, questionava a reportagem do **Kriolidadi**. O ministro respondeu que “se o parecer da comissão de peritos for a favor da rescisão, criarei então uma outra comissão para reflectir sobre a verdadeira vocação do Palácio da Cultura”.

Agora, dado que foi rescindido o contrato de aluguer do bar do PC à Electra a questão que se impõe é: Que tipo de administração deve ter o Palácio da Cultura? De acordo com Schofield, “todo o edifício do Palácio da Cultura é um potencial gerador de rendimento. Tem salas para exposições, tem um auditório comple-

tamente equipado, tem varandas, terraço, quintal, etc. Todos esses espaços e equipamentos estão praticamente inoperantes, o que só gera custos de manutenção e pagamento de pessoal”.

Para o fotógrafo, a ideia de que os bens culturais devem ser geridos por “pessoas da Cultura” não é a mais correcta. “A gestão é uma actividade profissional e existe gente que se prepara durante anos para isso; a eles cabe a gestão de qualquer negócio. O que tem que acontecer é que temos que ter gestores à frente dos Centros Culturais, mas esses gestores têm que se sensibilizar para a área onde trabalham, naturalmente. Proponho para o Palácio da Cultura “Ildo Lobo” uma gestão profissional, com uma visão, uma estratégia e com planos bem identificados e homologados pelo Ministério da Cultura”, defende César Schofield.

Quanto ao problema em si da dívida de electricidade e água, César Schofield é peremptório ao afirmar que “é um problema puramente administrativo e deve ter soluções administrativas. Na minha opinião a dívida podia ser passada para um Banco Comercial, para libertar-se da pressão (legítima) da Electra. O pagamento junto ao Banco já seria parcelado e podia enquadrar-se num plano de negócio para o bar. O fulcro da questão está precisamente no negócio do bar; tem que estar activo para ser rentável”.

Abraão Vicente corrobora a opinião de César Schofield quando diz que “apesar de ser uma pessoa com formação na área cultural, José Maria Barreto não tem sabido gerir o Palácio da Cultura. A gestão, pública ou privada, tem que ser movida a ideias e isso é o que tem faltado ao Palácio da Cultura”. Mas, no que toca ao facto de nos últimos tempos o PC estar praticamente entregue às moscas, o pintor atira as culpas para o público da Praia: “Além de o PC não divulgar convenientemente o seu programa, os eventos que ali se realizam não são procurados pelos praienses que ainda são pouco educados e sensíveis para as questões de cultura”.

De acordo com Abraão Vicente, “há meses que o Palácio da Cultura está abandonado e o ministro da Cultura não toma uma atitude. Manuel Veiga deve tomar medidas fortes”. Uma das hipóteses que deveria ser considerada, segundo Vicente, é o lançamento de um concurso público para contratar um gestor para o PC. Mas, o ideal, na opinião do artista plástico, seria a transformação do Palácio da Cultura em Museu Nacional da Arte. “Mais do que um gestor, esse museu teria um curador de arte, que se encarregaria da gestão do acervo. Inclusive, o próprio governo tem uma colecção razoável”.

Misá mostra-se igualmente a favor da proposta de Abraão Vicente porque, diz, “32 anos depois da independência, ainda não temos uma galeria de arte, onde toda a nossa arte pode estar representada e é bem cuidada”. Por outro lado, acrescenta, “a gestão privada poderia trazer mais público ao Palácio da Cultura, pois a entidade privada estaria mais motivada em organizar actividades que cativem o público e também os artistas. E, neste momento, há muitos jovens, com óptimos projectos”.

“
...a gestão privada poderia trazer mais público ao Palácio da Cultura, pois a entidade privada estaria mais motivada em organizar actividades que cativem o público e também os artistas. E, neste momento, há muitos jovens, com óptimos projectos

MIZÁ

”

“Beleza Oprimida” nas fotografias de Jorge Martins



“Beleza Oprimida” é o título dos trabalhos que o fotógrafo cabo-verdiano Jorge Martins levará à IIª Bienal de Porto Santo, ilha da Madeira, que acontece entre 4 e 29 de Agosto. Através das imagens que mostrará neste evento, a preto e branco, o fotógrafo diz pretender reflectir sobre a opressão e outras formas de escravatura a que as mulheres ainda hoje estão sujeitas. Um fenómeno que percorre transversalmente todas as sociedades, diz o fotógrafo cabo-verdiano que vive em Portugal.

Jorge Martins que recua aos tempos da sociedade escravocrata para lembrar que mesmo nesse tempo as mulheres eram um bem valioso, “independentemente da sua etnia e enquanto escravas”. E, não só pelo que representavam em termos de mão-de-obra como por serem, elas próprias, uma vez escravas, geradoras de mais escravos. “As mulheres eram obrigadas a servir de diversão sexual dos seus senhores e /ou dos seus representantes, bem como de todos os que lhes estavam acima na cadeia hierárquica. Os filhos daí resultantes eram escravos, mesmo quando mestiços, eram utilizados como instrumento na administração escravocrata”, acrescenta este fotógrafo emigrado em Portugal.

Nesta exibição internacional de arte contemporânea, a par de Cabo Verde, estarão presentes a Alemanha, Angola, Argélia, Bélgica, Brasil, Cuba, Espanha, França, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe. Estes países far-se-ão representar nas vertentes cinema, design, escultura, fotografia, pintura e vídeo. A RTP (Rádio Televisão de Portugal) mostrará imagens de arquivo sobre o meio século de televisão “A caixinha que mudou o mundo” em Portugal. O cantor Max e imagens de Madeira e Porto Santo, com comentários do

professor e historiador José Hermano Saraiva também mostram Portugal.

Da África, a par de Cabo Verde, Angola apresentará “Angola Limitada”, de Gita Cerveira, que questiona se “A fotografia tem que testemunhar? Preservar? Mostrar memórias congeladas no tempo? Caras, terras, gentes, montes diferentes? Ignorar o vento da imagem com movimento? Tornar o real em abstracto(...)”. José Chambel (São Tomé e Príncipe) e Sérgio Silva (Moçambique) exibirão fotografias com títulos ‘Págá Dêvê’ e ‘Mãe África’, respectivamente, e Guiné-Bissau desenhos, lápis sobre cartolina de Mayo Coope, ‘O Dia de Adja ou a Festa de Nask’. “Esta festividade é uma manifestação respeitosa numa tradição de origem islâmica: ‘o dia da positividade’. Adja não é propriamente uma deusa, mas desenvolve poderes... Adja é a mulher que assume o papel de líder e tutora das mais jovens, prontas a desenvolverem o seu papel de mulheres-esposas, futuras mães e naturalmente também as futuras ‘Adjas’”, escreve o sítio oficial do evento www.bienaldoportosanto.jorkerartgallery.com. sobre os desenhos de Coope.

Do programa da bienal constam um ciclo de vídeo experimental da Restart - Escola de Criatividade e Novas Tecnologias de Portugal -, turismo cultural com visitas guiadas para os estudantes do Curso de Turismo do ISAL - Instituto Superior de Administração e Línguas (Funchal) às exposições da II Bienal do Porto Santo. É que, diz a organização desta mostra internacional de arte, “a arte é expressão e motor da cultura dos povos e a bienal de arte contemporânea dá à ilha do Porto Santo mais um importante ícone inserido numa dinâmica de desenvolvimento e progresso no espaço do “Mar Oceano”.

Constância de Pina

“...a par de Cabo Verde, estarão presentes a Alemanha, Angola, Argélia, Bélgica, Brasil, Cuba, Espanha, França, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe.”

Cabo Verde presente na II Bienal de Porto Santo

Relação a três no palco do CCM

O Atelier Teatrakácia repõe hoje e amanhã, 20 e 21, às 21 horas, a peça “Loucuras d’Amor”. A obra, baseada em textos do conto “A Vida Como ela é”, do dramaturgo brasileiro Nelson Rodrigues, aborda a relação a três e outros problemas que afectam os relacionamentos homem/mulher. A encenação é de Dircilino Gomes.

Estreada no Março Mês do Teatro deste ano, “Loucuras d’Amor” tem como fio condutor da história uma relação a três entre uma mulher e dois homens. E, pelo meio, situações de traição, inveja e competição entre os elementos. “É a crise que muitos casais enfrentam após um determinado tempo juntos, em que, praticamente, deixa de existir um relacionamento amoroso, no verdadeiro sentido

da palavra”, explica Dircilino Gomes.

A interpretação, que fica a cargo de Bia Barbosa, Carlos Silva, Dircilino Gomes, Ivone Moreira, Luana Jardim, Ró Lima, Valódia Monteiro e Zé Birgitte é, de acordo com Dircilino Gomes, “diferente do que estamos habituados e também um pouco ousada. O argumento tenta, de uma forma simples, para estes problemas amorosos que parecem estar a tornar-se um lugar comum no nosso dia-a-dia e que, ou não nos estamos a dar conta disso, ou então se nos tornaram normais e banais”.

A ficha artística desta sétima produção do Atelier Teatrakácia, que não participará na edição 2007 do Festival Internacional de Teatro Mindelact, fica completa com Marisa Santos

(assistente de encenação, som e guarda-roupa), João Brito “Boss” (cenógrafo), Dircilino Gomes (concepção sonora e voz off), Carlos Silva (desenho de luz) e com a Luminotecnia Faisca (iluminação).

O Atelier Teatrakácia, que está a preparar a estreia de uma nova peça para Novembro/Dezembro, foi criado em 2002, fruto do VIII Curso de Iniciação Teatral do Centro Cultural Português Pólo do Mindelo, por iniciativa dos alunos que frequentaram esse curso. Passados cinco anos, o grupo conta já com um total de sete produções teatrais no seu repertório, das quais três peças infantis (Xclumbumba; A Bruxinha Que Era Boa; Pluft), e uma co-produção (Rei Lear).

TSF





Júnior Marvin confirmado para o Baía das Gatas

Júnior Marvin, que durante vários anos acompanhou a lenda do reggae Bob Marley, é um dos artistas confirmados para a edição do Baía das Gatas deste ano, que acontece entre 3, 4 e 5 de Agosto, adiantou ao A Semana Maria José Almeida, responsável pela organização do festival.

Também nascido na Jamaica, Júnior Marvin mudou-se para Londres, onde desenvolveu o seu talento na representação e

“
O músico está a terminar agora o seu álbum a solo “Wailin’ for love”.
”

na música. Participou no filme Help, uma produção de 1965 protagonizada pela famosa banda inglesa Beatles.

Nos Estados Unidos, Júnior tocou com T-Bone Walker, conhecido como o pai do Blues Moderno, e rapidamente ganhou reputação como um guitarrista inovador no blues e no rock. Tanto que foi convidado a integrar o elenco de Hair, o musical rock escrito na etapa em que o

sentimento anti-guerra e a revolução sexual dominavam, no final dos anos 60.

Em 1977, Júnior Marvin foi convidado para tocar com Bob Marley no álbum Exodus, o primeiro trabalho em que aparecem juntos, no conjunto The Wailers. E a partir dali fizeram uma carreira inseparável, até à morte de Bob Marley, em 1981. O músico está a terminar agora o seu álbum a solo “Wailin’ for love”. Catarina Abreu



Mariana Ramos

Mariana Ramos inicia amanhã, 21, a sua primeira digressão pela Itália. A cantora cabo-verdiana, residente em Paris (França), terá desta vez, além da sua habitual banda, um convidado especial: Bau, o exímio nos instrumentos de cordas.

A tournée de Mariana Ramos começa em Mascallucia – comuna da Sicília na província de Catânia –, com um concerto no Anfiteatro Parco Trinitá Manenti, às 21 horas. O espectáculo enquadra-se na XV edição do Festival Sete Sóis Sete Luas, evento em que hoje, 20, canta uma outra voz cabo-verdiana – o lendário Bana.

Mariana Ramos segue depois para Pontedera, em Pisa, para um concerto no domingo, 22. Montemurlo, Roma, Impruneta e Montescudaio, nos dias 23, 24, 25 e 26 de Julho, respectivamente, encerram a digressão. A intérprete de Di dor em Or ruma então a Cabo Verde, onde vem participar no Festival da Baía das Gatas que, este ano, decorrerá de 3 a 5 de Agosto, em São Vicente, e homenageia o Movimento Claridoso.

TSF

GRANDE ECRÃ – CRÍTICA

Antes do Amanhecer/Antes do Anoitecer

TÍTULO ORIGINAL: Before Sunrise/Before Sunset
REALIZAÇÃO: Richard Linklater
INTÉRPRETES: Ethan Hawke e Julie Delpy
ORIGEM: EUA, 1995/EUA, 2004

Não creio ser comum efectuar-se a crítica de dois filmes de uma só vez. A não ser pelo expresso propósito de se estabelecer uma comparação entre ambos. Ora o que motiva a presente, e inédita, situação neste espaço não será tanto procurar uma comparação entre os dois filmes, mas antes fazer uma ponte entre os mesmos. Convém explicar que “Antes do Amanhecer” e “Antes do Anoitecer” são dois filmes onde os principais intervenientes se repetem: o realizador e argumentista Richard Linklater e os seus actores, Ethan Hawke e Julie Delpy.

Before Sunrise (1995) conta a estória de Jesse e Celine, um americano e uma francesa que se conhecem a bordo de um comboio, apeiam-se em Viena (Áustria) e passam um dia a conhecerem-se e a apaixonar-se. E apaixonam-se de tal forma que ao nascer do sol, quando têm que se separar (ele de volta aos EUA, ela de regresso a França), o plano inicial de cada um seguir a sua vida é alterado: combinam um encontro para dali a seis meses.

Nove anos depois, o realizador e os dois actores resolveram mostrar ao mundo o que acontecera a esses dois personagens e decidiram que também no filme se teriam passado nove anos. Before Sunset (2004) é sobre o reencontro de Jesse e Celine, desta vez em Paris. E uma vez mais, eles têm o tempo marcado – até ao pôr-do-sol – para descobrir se o amor que podiam ter partilhado tem uma segunda chance de acontecer.

Esqueçam as comédias românticas ou os dramas tipo Titanic e Love Story, ou outras “melosuras” ao estilo Nicholas Spark. Antes do Amanhecer e Antes do Anoitecer não são sobre “caramelizar” o amor, salpicá-lo com umas quantas desgraças e embalar-lo em músicas lamechas. É sobre o amor sim, mas encarado como o fazemos aqui no mundo real. Com dúvidas, com interrogações, com mais gestos e olhares do que declarações poéticas. É sobre perceber que a nossa solidão só acaba quando encontramos alguém a quem amar e não apenas alguém com quem ficar para não se estar só.

Em ambos os filmes, o dispositivo é o mesmo: Jesse e Celine passeiam-se pela cidade e conversam. Não falam apenas, conversam. Mesmo quando estão em silêncio. E é por isso que se apaixonam. No primeiro filme, os belíssimos cenários vienenses são o pano de fundo para dois jovens que se descobrem, ao mesmo tempo que partilham as suas ideias sobre a vida, a morte, as relações/ tensões entre géneros, o amor... a profundidade dos seus diálogos e as suas presenças embriagadas de emoções genuínas marcam os lugares que percorrem. Sentimos que aquelas ruas jamais serão as mesmas. Por isso quando, no fim do filme, nos são mostrados os lugares onde eles estiveram, já não os vemos como simples lugares, anónimos. É o lugar onde se beijaram pela primeira vez, ou o cais onde um vagabundo lhes fez um poema, o café onde uma cartomante lhes leu a sina...

Já Antes do Anoitecer é um filme mais duro, se assim o podemos dizer. O mundo mudou e também Jesse e Celine mudaram. Para além das suas rugas carregam também o peso das relações falhadas, dos ideais falidos e principalmente do que poderia ter sido. Estão os dois mais tristes e ressentidos, marcados pela dureza dos dias de hoje. Mas há algo que não mudou: o encanto que um exerce sobre o outro e que à medida que o pôr-do-sol se aproxima ganha mais evidência.

Dois filmes de emoções profundas e vibrantes. Despreziosos e simples mas poderosos.

Chissana Magalhães
Chissana@gmail.com



Agenda Cultural

Os Ferro-Gaita estão no Brasil e dão hoje, 20, em Fortaleza, o primeiro de três concertos no Brasil, no âmbito do Projecto "Na Ponta da Língua - Arte dos Povos que falam Português", organizado pela ONG Etnia. Depois o grupo cabo-verdiano rumará ao Sul, ao estado de Minas Gerais, onde a 26 e 29 actua em Itabira e capital mineira, Belo Horizonte.



Mas a contribuição crioula nesta iniciativa não fica apenas pela música. Amanhã, 21, pelas 17h30, integrado no ciclo de cinema, será exibido "Ilhéu de Contenda", de Leão Lopes. "Na Ponta da Língua - Arte dos Povos que falam Português" tem lugar no Centro Dragão do Mar, em Fortaleza, Brasil.



E depois de Cize, agora é a vez de Lura ir à conquista dos italianos. A começar pelo Norte, amanhã, 21, a cantora de M'Bem di Fora actua no Festival Campo Sonoro, em Turim (Torino). Domingo, no Adriático, Lura dá um concerto no Lotus Festival, em Locorotondo (Brindisi). A mini-tournée encerra, mais a sul com um espectáculo no Festival Lo Sguardo di Ulisse, em Nápoles.



"A Partilha do Indivisível" são fotografias de uma realidade uma, indivisível, mesmo se as objectivas estão em extremos opostos - falando do mundo geográfico. O cabo-verdiano Leão Lopes (foto) e o moçambicano António Valente na exposição patente no Centro Cultural do Mindelo, de 24 de Julho a 3 de Agosto, dão a ver outras distâncias e outras dimensões partilhadas em imagens que tanto são de cá como podem ser de lá. Com textos de autores de Cabo Verde, Angola, Portugal, Chile e Ruanda, o projecto chama a atenção para os direitos humanos essenciais e para o trabalho daqueles que, anónima e teimosamente, continuam a querer conquistar o direito de existir com dignidade.



O músico fogueense Michel e sua banda actua esta sexta-feira, 20, no Tropical Club, a partir das 22 horas. No sábado, 21, vão estar no espaço Cine Teatro Eclipse, da antiga "casa cinema", também a partir das 22h.



O Quintal da Música começa a semana com uma noite animada por Kiss e Banda, a partir das 21h. Amanhã, está agendado o espectáculo com Bitorinha Bibinha e Banda. Para segunda-feira, 23, há "Noite de Verão" com vários grupos.

